

**INSTITUTO TEOLÓGICO SÃO PAULO – ITESP
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDO SUPERIORES – ISPES**

SALMON BOANERGES

VANESSA MASCARO SIRIBELI DOMIENIKAN

EXEGESE JO 13, 1-20

“Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós”

Trabalho de aproveitamento da disciplina de Literatura Profética, do curso Bacharelado de Teologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores, sob a orientação do Professor Drº Shigeyuki Nakanose.

São Paulo – SP

2019

Sumário

1 – Sinalização	3
2 – Breve Introdução.....	3
3 – Situando o Texto.....	4
4 – Estrutura do Texto	6
5 – Análise Semântica	6
6 – Atualização	10
7 – REFERÊNCIAS	11

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES – ISPES
INSTITUTO TEOLÓGICO SÃO PAULO – ITESP

Alunos: Salmon Boanerges

Vanessa Mascaro Siribeli

Turma: 4º Ano.

Disciplina: Literatura Joanina e Cartas Católicas.

Professor: Shigeyuki Nakanose.

Data: 03/05/2021.

EXEGESE DE JO 13, 1-30 “O Lava-pés”

1 – Sinalização

Antes da festa da Páscoa; Consciente de que tinha chegado sua hora; amar até o fim; Durante a ceia o diabo colocou a traição no coração de Judas; levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, pegando duma toalha, cingiu-se com ela; Água na bacia e lavar os pés; Pedro lhe disse: “Senhor, queres lavar-me os pés!”; Ter parte; Senhor, não somente os pés, mas as mãos e a cabeça; inteiramente limpo; mestre e senhor; o servo não é maior do que o seu Senhor; Aquele que come comigo levantou contra mim seu calcanhar; Quem recebe aquele que eu envie recebe a mim; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou; Jesus fica “perturbado”; Molhar o pão; O que farás, faze-o depressa; era noite

2 – Breve Introdução

A partir de Jo 13, damos início à segunda parte do Evangelho de João. Também conhecido como “Livro da glorificação”, por causa da manifestação da glória do Pai no Filho. Os capítulos anteriores, referiam-se ao livro dos Sinais, no qual temos a vinda do enviado de Deus ao mundo (Jo 1 – 12) e agora, temos a retorno do Filho ao Pai (Jo 13 – 20): “Jesus sabia que tinha chegado a sua hora, a hora de passar deste mundo para o pai” (13, 1).

Essa segunda parte do Evangelho de João, constituem o “adeus de Jesus” podendo ser dividida em 3 unidades, a saber:

- a) 13 – 17: Livros da Comunidade
- b) 18 – 19: Relatos da Paixão
- c) 20: Cenas da Ressurreição

A perícopé, objeto deste trabalho, portanto, está inserida no livro da comunidade, que também nos propõe, segundo J. Mateo e J. Barreto¹, três sequências:

“A sessão divide-se em três sequências bem delimitadas. A primeira compreende os caps. 13-14 e termina com convite de sair que Jesus faz aos discípulos (14,31). A segunda compreende os caps. 15-16, segunda parte da instrução de Jesus aos seus. A terceira, o cap. 17, contém a oração de Jesus.

Além disso, é bom lembrar, que somente o Evangelho de João, nos recorda a passagem do lava-pés e o discurso da despedida. Outro detalhe importante é que a refeição descrita na cena do lava-pés, não se refere a ceia pascal (Mc 14,12-17; Mt 26, 17-20 e Lc 22, 7-14) e não menciona a instituição da eucaristia. Em João, trata-se da ceia comunitária e da despedida de Jesus.

Dito isto, debruçar-nos-emos a partir de agora, no tocante ao que se propõe está exegese: compreender o cenário do Lava-pés, a partir de seu contexto, para então lançarmos luzes ao contexto hodierno.

3 – Situando o Texto

A perícopé escolhida para esta exegese, compreende o cap. 13, 1-30 do Evangelho de João, que após a introdução (13, 1) nos traz a narrativa de dois episódios: o lava pés (13, 2-20) e a traição de Judas (13, 21-30).

Importante destacar que a comunidade joanina está inserida num contexto em que a sociedade era dominada, escravizada, explorada e oprimida pelo Império Romano (mundo) e judeus fariseus (sinagoga de satanás), portanto, essa sociedade serviçal deveria apenas cumprir o dever de “estar à disposição” do seu senhor, cumprindo rigorosamente as leis que lhes eram impostas.

¹ MATEOS, Juan – BARRETO, Juan. O Evangelho de São João, análise linguística e comentário exegético, 2 edição. São Paulo: Paulus, 1999; p.572.

O lava-pés era uma prática comum, daquele tempo, conforme se vê em Fl 2, 7 “Ele esvaziou-se a si mesmo e tomou forma de servo”. De acordo com a Lei da Hospitalidade (Gn 24,32; 43,24; Jz 29,21) para o povo do Antigo Oriente, o ato de lavar os pés significava acolhida, já que a região era desértica e extremamente quente, o gesto era então, uma forma de bem receber o viajante e normalmente realizado pelo dono da casa. Entretanto, com o passar do tempo, tal prática passou a ter uma conotação pejorativa e desprezada, ou seja, o serviço era dado aos escravos, e na casa que não houvesse escravo era realizado pelas esposas ou filhas dos donos das casas. Ainda cabe lembrar, que um judeu, quando escravo, não poderia lavar o pé de outro judeu, portanto, era um serviço humilhante, realizado por mulheres ou então por escravos não judeus.

Como sabemos a comunidade joanina era formada por pessoas pobres e marginalizadas. Também era uma comunidade mista, pois muitos eram provenientes de diversos grupos e religiões. É uma comunidade que denuncia o conflito interno e externo (mundo x lei; judeus helenizados x judeus judaizantes) e nos ensina uma nova vivência a partir dos ensinamentos da amizade, cuidado mútuo e do amor, nesse sentido, a cena do lava-pés, nos insere no gesto profético de Jesus que representa a acolhida e o serviço a todos que são desprezados: mulheres, escravos, pagãos, estrangeiros, órfãos etc. Sua atitude elimina as desigualdades e diferenças sociais propondo uma sociedade igualitária e fraterna. Esse texto, nos indica o dom de Jesus (gesto de lavar os pés), e nos convida a missão (imitação de Cristo).

Jesus é mestre e senhor, não pelo poder, mas pela capacidade de amar e servir! Hoje em dia, Jesus seria chamado de Soft Power (termo usado pela primeira vez pelo professor Joseph Nye, ou seja, capacidade de influenciar pessoas, não pela ameaça ou recompensa, mas pela atração e empatia, para que façam o mesmo que você, sem o uso de poder, força, coerção. Nesse sentido, podemos fazer a seguinte alusão: o Império Romano usava a força e a ameaça, os Fariseus utilizavam o medo para impor a obediência a Deus e, Jesus atraía pelo amor ao próximo, hospitalidade, empatia e cuidado fraterno.

Veremos a seguir a estrutura do texto e a análise semântica das palavras-chaves.

4 – Estrutura do Texto

Para essa perícopes propomos duas estruturas a saber:

Conforme J. Mateos e J. Barreto², a perícopes constitui uma unidade, ainda que as alusões a traição de Judas anunciem a perícopes seguinte. Tendo em vista que o lava-pés significa a morte de Jesus como serviço ao homem, e se deverá à traição de Judas:

13,1: Exórdio à Páscoa de Jesus.

13,2-5: Lava-pés.

13,6-11: Resistência de Pedro.

13,12-15: Instrução.

13,16-20: Avisos: fidelidade, traição, fruto.

13,21-22: Anúncio da traição.

13,23-26^a: Pergunta a Jesus pela identidade do traidor.

13,26b-30: Gesto de Jesus e saída de Judas.

Segundo Konings³, a perícopes é delimitada pelas menções da hora da janta (13,2) e da noite (13,30)

I. A abertura geral da segunda parte de Jo (13,1;)

II. Jesus se levanta para lavar os pés dos discípulos, provocando protesto de Pedro (13,2-11);

III. Jesus volta a sentar-se e explica o sentido de seu gesto (13,12-20);

IV. Jesus anuncia a traição (13,21-30).

5 – Análise Semântica

Com base nas palavras chaves, faremos a análise semântica que nos permitirá uma melhor compreensão do texto.

² MATEOS, Juan – BARRETO, Juan. O Evangelho de São João, análise linguística e comentário exegético, 2 edição. São Paulo: Paulus, 1999; pp. 575 e 593.

³ KONINGS, Johan. Evangelho segundo João: Amor e fidelidade. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2000. (Comentário bíblico), p.255.

- Antes da festa da Páscoa: não se trata da Páscoa judaica, e sim a Páscoa de Jesus, o Cordeiro de Deus que libertará a humanidade do pecado e libertará o homem. A Páscoa judaica estava vazia de sentidos e Jesus dá agora um novo significado.

- Consciente de que tinha chegado sua hora: significa a manifestação da glória de Jesus. É passagem definitiva para o pai, seu êxodo pessoal termina com seu retorno ao pai (terra prometida). A consciência de sua hora é o que o motiva a nos amar até o extremo.

- Amar até o fim: seu amor pelo homem é demonstrado em toda a sua vida, e tem seu ápice na morte de cruz. Em contraposição a Lei de Moisés (Dt 31, 24-30; 31, 1ss) que menciona “até o fim” como amor a lei de Deus, temos em Jesus uma nova aliança e um novo mandamento: seu amor ao extremo pelo homem.

- Durante a ceia o diabo colocou a traição no coração de Judas: Não é a ceia pascal, mas um jantar comunitário. A Ceia Pascal, será seu corpo e sangue, preparados na cruz. Iludido pelo poder do mundo, da ambição e cobiça, temos a consciência (coração) de Judas se opondo a consciência de Jesus (v.1) de que o pai colocou tudo em suas mãos e de que ele está no caminho de volta ao pai. Para J. Mateo e J. Barreto (1999) a raiz do nome Judas é comum a Judeus-Judeia, e, portanto, o discípulo é inimigo de Jesus, assim como os Judeus que o querem matar (7,1) que dominam a região da Judéia, onde Jesus não foi acolhido (4,1-3) e onde corre perigo (7,1;11,7-8).

- Levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, pegando uma toalha, cingiu-se com ela: Sem dúvidas, esse versículo contém muitos significados e trata-se da norma de sua comunidade, são gestos que devem ser repetidos como ação concreta do amor. O amor não se resume a palavras, mas em atitudes. Por isso, Jesus depôs de suas vestes (imagem de mestre) para então vestir-se com as roupas de quem se coloca a serviço (imagem do servo). O depor de suas vestes também significa dar a vida (15,13). Nos versículos 12-13 ele reassumirá suas vestes, mas não deixará a toalha, como sinal que a prática de servir ao próximo é perene.

- Água na bacia e lavar os pés: como mencionado o lavar os pés era uma ato de hospitalidade, normalmente feito por um escravo não judeu ou pela

mulher do dono da casa. No contexto da refeição, o lava-pés sempre se dava antes da refeição, nunca durante, nos indicando que não houve ali a prestação de um serviço, ou um gesto de acolhida. Mas a cena quer mostrar o gesto profético de Jesus em denunciar os poderosos que oprimem e colocar um novo mandamento que se inicia com a prática da justiça e igualdade entre todos. Também não se menciona a ordem do primeiro ou do último que teve os pés lavados, já que todos são iguais. Mas menciona que Jesus, mesmo retomando suas vestes, não deixou a toalha, permanecendo a mesma cingida a cintura. Tal gesto demonstra que seu amor-serviço, não termina com sua morte.

- Pedro lhe disse: “Senhor, queres lavar-me os pés!”: Pedro representa a figura daqueles que ainda não compreendem o projeto de Deus. Pedro é o grupo judaizante (Nicodemos). Seu tom de estranheza, reflete o pensamento que a sociedade tinha na época: se Jesus é o messias, logo deve ocupar o trono de Israel e não ficar humilhando-se e lavando os pés como um serviçal. Para Pedro, não há igualdade entre súditos e senhores. Jesus diz, que não compreende agora, mas logo irá compreender, pois a compreensão de Jesus só é possível à luz do “enaltecimento” e dom Espírito Santo (2,22; 7,39; 12,6).

- Ter parte: utilizado na terminologia bíblica para falar da herança, que no AT é a terra prometida, salvação. Mas em Jesus, ter parte, significa comungar da vida do filho, aceitando a lógica do serviço radical. Quem não admite a igualdade, é incompatível com o projeto de Jesus e não pode estar junto Dele.

- Senhor, não somente os pés, mas as mãos e a cabeça (9) – inteiramente limpo (10): ainda sem compreender, exageradamente, pede que Jesus lhe lave as mãos e a cabeça, querendo então aceitar Jesus. Mas seu pensamento evidencia que ele passou da mentalidade romana, marcada pela divisão social, à visão judaica da purificação, que divide as pessoas em puras e impuras. Jesus diz que quem já se banhou está todo limpo (é o batismo), e, portanto, não precisa da purificação judaica, mas o lavar os pés, significa a prática do servo, que amou até o extremo, até o fim

- Mestre e Senhor: Jesus dá nova definição para termo “Mestre” e “Senhor. Naquela época “Senhor” representava a figura do imperador romano e dos donos de escravos (considerado “amaldiçoado”). E o termo “mestre”

simboliza os escribas fariseus que acreditavam ser os legítimos intérpretes e representantes da Lei, que ousavam dividir a sociedade segundo o preceito do puro e do impuro. Jesus, sendo Mestre e Senhor, dá o exemplo de amor-serviço, para que os discípulos façam igual. Jesus mostra que não existe hierarquia em sua comunidade, seus dotes e funções não justificam superioridade. Para Jesus, Mestre e Senhor, todos são iguais e devem ser tratados com igualdade também.

- O servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o envio: (Mt 10, 24-25; Lc 6, 40): Jesus usa o provérbio para chamar a atenção: todos são iguais, e aqueles que tiverem consciência disso serão felizes (bem-aventurança), conforme se observa no v.17 pela autodoação/prática do exemplo dado por Jesus.

- Aquele que come comigo levantou contra mim seu calcanhar: (Conf. Sl 40,10) Jesus conhece aqueles que escolhe e, portanto, não se abala com o traidor, antes anuncia o escândalo. Jesus diz isso “desde agora”, para que eles, “quando acontecer (a hora da traição)”, possam continuar acreditando firmemente que “eu (o) sou” (8, 28), aponta para a hora de seu “enaltecimento” e a manifestação de sua missão de Filho do Homem (13, 31) e a presença, nele, de Deus mesmo.

- Quem recebe aquele que eu envie receba a mim; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou: há quem diga que esse versículo é uma acréscimo, mas tem como sentido acolher a mensagem do enviado, e os enviados são os discípulos, que devem em sua missão, fazer a mesma coisa que fez Jesus: dar dignidade e liberdade aos homens e seus títulos serão: amor e serviço.

- Jesus fica “perturbado”: e um de vós vai me entregar: Jesus experimenta a perturbação que todo ser humano experimenta diante da morte, principalmente porque um dos seus é que o há de trair.

- Discípulo amado: aparece pela primeira vez a expressão “discípulo amado”, é o homem de confiança, amigo de Jesus, o discípulo iniciado no mistério de Cristo, aquele que simbolicamente representa a luz, o que pode saber e compreender tudo, ele é a testemunha por excelência, sabe que Jesus não se abalou e tem plena autoridade para interpretar a mensagem de Jesus.

Aparece outras 4 vezes em: 19,26; 20,2; 21,7; 21,20. A ele Jesus conta quem é o traidor.

- Molhar o pão: João empresta este gesto de Mc 14, 20 e tem conexão com o Sl 40,10. Este gesto, diante da pergunta do discípulo amado, é um gesto que indica Judas como o traidor. Entretanto, tal gesto também demonstra a soberania de Jesus sobre a situação. Outro aspecto importante é que não se menciona em que Jesus molha o pão, supondo que seja no seu próprio sangue (pão é o corpo, o molho é o sangue), tal gesto indica que Jesus, mesmo sabendo quem era o seu traidor, não o entregou, protegendo-o dos julgamentos dos demais discípulos. Pois Jesus veio para salvar e não para julgar. Oferecendo o pão a Judas, estava convidando Judas a ser dos seus e retratar todo o seu passado, além de aceitar a sua própria morte, respondendo ao seu ódio com amor.

- O que farás, faze-o depressa: Jesus dá plena liberdade de opção a Judas. Seu amor permanece até o final, mas força. Não é Deus quem julga, é o homem quem dá a própria sentença (3, 16-21)

- Era noite: significa a que Judas escolheu as trevas, abandonando o lugar onde brilha a glória e o amor. A noite significa a ausência de luz que é Jesus (11,10; 21,3) e quem anda nas trevas tropeça (3,19; 12,35). Neste sentido, não só o discípulo amado tem sentido simbólico, mas também Judas: um e outro representam, respectivamente, os filhos da luz e os filhos das trevas (1Jo 6, 7).

6 – Atualização

O lava-pés nos ajuda a compreender o amor-doação que devemos ter por todos, sem distinção e sem vanglórias.

Pensando em nossas comunidades e pastorais, devemos servir pelo amor e com amor, e nunca para obter vantagens ou querer aparecer.

Quando estendemos o exemplo do Mestre e Senhor, aos nossos governantes, vemos que o quão distantes eles estão desse prática de usar o seu “poder” em benefício dos que mais necessitam. Vale lembrar o caso “gripezinha” que vem matando e batendo recordes e recordes de mortes. São os atuais filhos das trevas.

Em muitas empresas, a relação empregado e empregador, são ainda relações sem respeito, típicas de autoritarismo e trabalhos escravos, na medida em que patrões exploram seus funcionários para cada vez mais angariarem lucros, podemos citar o recente caso da Rede Madero de restaurantes, que vem perdendo a credibilidade, nesse período de pandemia, por dar mais importância aos efeitos da quarentena na economia do que com as vidas perdidas pela doença.

E por fim, ainda no cenário atual, da crise pandêmica, temos muitos Judas, que traem suas profissões, deixando de aplicar a dose da vacina, vendendo-se, por sabe-se lá quantas moedinhas.

Que as atitudes de Cristo sejam as nossas atitudes: que o amor supere as diferenças, para vivermos um mundo mais humano e fraterno.

Bonito será o dia em que o grande se fizer humilde para elevar os pequeninos!

7 – REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.

BROWN, Raymond E. **Evangelho de João e Epístolas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

CENTRO BÍBLICO VERBO. **Permaneço no meu amor para dar muitos frutos**. São Paulo: Paulus, 2015.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de João**. São Paulo: Paulus, 1989.